

É a creche o melhor lugar para as crianças de até três anos?

Vital Didonet
Grupo Creche – ABEBÊ
OMEP Brasil

O tema veio à tona no ano passado, em uma breve entrevista da Revista *Época* com Steve Biddulph (Edição nº 497, de 12/11/2007) e, agora, suscitado por um artigo no *The Wall Street Journal*, de 22 de agosto de 2008, que visa contrapor-se à proposta do candidato Barack Obama de universalizar a educação infantil.

1. **Steve Biddulph** é um psicólogo australiano bastante conhecido por seus livros, que chegaram à casa dos 4 milhões de exemplares, traduzidos em 29 línguas. Ele é um terapeuta familiar e se dedica a orientar pais sobre como cuidar e educar seus filhos. Em *More secrets of Happy Children*, questiona os pais sobre sua decisão de colocar seus bebês em uma creche. Está traduzido para o português sob o título de *O segredo das crianças felizes*. Também em língua portuguesa, temos o livro *Criando Meninos*, exposto com destaque em prateleiras de livrarias por todo o país.

O que Steve Biddulph defende em *O segredo das crianças felizes* é a necessidade de maior interação pais-bebê, da criação, aprofundamento e manutenção dos vínculos afetivos. Como ele atua como terapeuta familiar, é coerente que insista sobre esse ponto. Colocar a criança pequena em creche é, para muitos pais, um desincargo, uma libertação das exigências de atenção, apoio, presença e interação com seus filhos pequenos. Mas provavelmente a maioria se aparta de seus filhos pequenos não por esse motivo e sim porque trabalham o dia inteiro e não podem dar a atenção que seus filhos precisam. A pergunta, então, não é: *a família ou a creche*. Mas: *sozinho em casa*, sob o cuidado de irmãozinhos, entregue a uma vizinha para que cuide do bebê *ou uma instituição especializada* de cuidado e educação em primeira infância. A pergunta mal posta gera uma resposta que distorce a realidade.

2. **Barack Obama** usou o argumento do alto retorno econômico do investimento da faixa pré-escolar e promete injetar 10 bilhões de dólares no programa que denomina “Zero-a-Cinco”. Os articulistas do Jornal, dizem que o retorno não é tão alto - e citam o prêmio nobel de economia, James Heckman, que é a carta da vez na defesa do investimento em educação infantil, segundo o qual o retorno é bem menor do que os valores indicados em algumas pesquisas e que os efeitos constatados se aplicam a populações pobres, marginalizadas, de baixa expectativa social e grande probabilidade de cair na marginalidade... Levantam a hipótese de que esse efeito não seria tão significativo na população de classe média e alta. Afirmam que pesquisas indicam aumento de ansiedade, agressividade entre as crianças provenientes de pré-escolas em comparação com as que não a frequentaram.

O que eles defendem é a importância das relações familiares. Pena que o fazem contrapondo-a ao papel das instituições específicas de educação infantil para as crianças de até três anos. E aí está o engodo. Cuidado e educação na família e cuidado e educação em instituições especializadas são duas coisas diferentes e complementares. A família é necessária para toda criança, a educação infantil nos três primeiros anos de idade é necessária para muitas delas e bastante importante significativa para todas, desde que a instituição seja de boa qualidade.

O problema é que as relações familiares estão se tornando mais frágeis, menos frequentes, principalmente nas sociedades mais avançadas tecnologicamente: quando os pais não estão no trabalho, estão em clubes, reuniões, teatros ou cinema, barzinho ou ou, talvez com mais regularidade, diante da TV, do Vídeo, do DVD... enquanto seus filhos pequenos têm seus aparelhos eletrônicos no quarto (tv, videogame, etc) ou são obrigados a brincar sozinhos. O citado

artigo preconiza o que é óbvio: que crianças que têm pais amorosos e atenciosos podem ser muito melhores gastando mais tempo em casa do que longe deles nos anos de sua formação. O problema é conciliar esse tempo com as dez horas fora de casa durante cinco dias por semana por parte daqueles que trabalham. A extensão de dois meses da licença maternidade para fins exclusivos de amamentar o bebê até seis meses de idade vem gerando controvérsia daqueles que temem que isso prejudique a mulher na sua carreira profissional, na garantia do seu emprego, na competitividade com aquelas que não tiram essa licença...

A pergunta que os articulistas não se fazem é: os pais de classe média e alta estão realmente em casa, têm eles disposição para ficar as oito ou dez horas do dia com seus filhos pequenos, em atividades que estimulem a busca, a curiosidade, dão vazão à energia e atividade infantil, têm eles conhecimento e condição de colocar às crianças os materiais que uma instituição especializada faz, como tintas, papéis coloridos, jogos, etc?

É importante sublinhar que a luta pelo reconhecimento do direito da criança à educação infantil desde o nascimento sempre defendeu a importância dos laços familiares, do vínculo mãe-bebê, família-bebê, da participação dos pais na creche. A associação das duas idéias está coerente com o princípio da LDB de que a educação infantil é complementar à ação da família. Não nega, portanto, o papel da família como primeira educadora, antes quer apoiá-la nesse papel, oferecendo a seus filhos um espaço de interações sociais ampliadas e de atividades diversificadas em linguagem, artes, pensamento lógico-matemático e experiências de interação criança-criança, criança-adulto. Seria um retrocesso voltar ao tempo do “o amor, o carinho e o cuidado adequados bastam para um bom desenvolvimento nos anos iniciais da vida”. De que teriam servido as pesquisas no campo da neurociência, da formação da inteligência?

Esse assunto vem sendo acalentado, nos Estados Unidos, por motivos políticos mas também para carrear mais recursos para idades posteriores do processo educacional, onde vem se constatando falhas no rendimento escolar. Mas, no fundo, ele funciona como contra-argumento para a educação infantil na faixa de 0 a 3 anos. Tem gente por aqui que vai adotar esse discurso, pois libera o poder público do dever, hoje constitucional e legal, de garantir o atendimento em creche ou outro tipo de estabelecimento de educação infantil a partir do nascimento. É bem mais fácil para o governo mandar as famílias cuidar de seus filhos até os quatro anos de idade do que construir, equipar e manter creches com profissionais formados para todas as crianças cujos pais necessitam ou desejam esse atendimento. E teria um bom volume de recursos para universalizar a pré-escola até com suntuosidade.

O recente Movimento pela inclusão da creche no Fundeb é uma contundente demonstração de que o Brasil não aceita esse retrocesso na concepção de educação infantil e a redução do direito à educação. Mas devemos reforçar a visão da complementaridade entre a educação inicial na família e a educação infantil em instituições específicas com profissionais especializados e espaços de interações sociais ampliadas e atividades diversificadas de desenvolvimento da visão do mundo por parte das crianças.

==_==

Protect our kids from Preschool

The Wall Street Journal, 22 de agosto de 2008 - Seção Opinião

Barack Obama says he believes in universal preschool and if he's elected president he'll pump "billions of dollars into early childhood education." Universal preschool is now second only to universal health care on the liberal policy wish list. Democratic governors across the country -- including in Illinois, Arizona, Massachusetts and Virginia -- have made a major push to fund universal preschool in their states.

But is strapping a backpack on all 4-year-olds and sending them to preschool good for them? Not according to available evidence.

"Advocates and supporters of universal preschool often use existing research for purely political purposes," says James Heckman, a University of Chicago Noble laureate in economics whose work Mr. Obama and preschool activists routinely cite. "But the solid evidence for the effectiveness of early interventions is limited to those conducted on disadvantaged populations."

Mr. Obama asserted in the Las Vegas debate on Jan. 15 that every dollar spent on preschool will produce a 10-fold return by improving academic performance, which will supposedly lower juvenile delinquency and welfare use -- and raise wages and tax contributions. Such claims are wildly exaggerated at best.

In the last half-century, U.S. preschool attendance has gone up to nearly 70% from 16%. But fourth-grade reading, science, and math scores on the National Assessment of Educational Progress (NAEP) -- the nation's report card -- have remained virtually stagnant since the early 1970s.

Preschool activists at the Pew Charitable Trust and Pre-K Now -- two major organizations pushing universal preschool -- refuse to take this evidence seriously. The private preschool market, they insist, is just glorified day care. Not so with quality, government-funded preschools with credentialed teachers and standardized curriculum. But the results from Oklahoma and Georgia -- both of which implemented universal preschool a decade or more ago -- paint an equally dismal picture.

A 2006 analysis by Education Week found that Oklahoma and Georgia were among the 10 states that had made the least progress on NAEP. Oklahoma, in fact, lost ground after it embraced universal preschool: In 1992 its fourth and eighth graders tested one point above the national average in math. Now they are several points below. Ditto for reading. Georgia's universal preschool program has made virtually no difference to its fourth-grade reading scores. And a study of Tennessee's preschool program released just this week by the nonpartisan Strategic Research Group found no statistical difference in the performance of preschool versus nonpreschool kids on any subject after the first grade.

What about Head Start, the 40-year-old, federal preschool program for low-income kids? Studies by the Department of Health and Human Services have repeatedly found that although Head Start kids post initial gains on IQ and other cognitive measures, in later years they become indistinguishable from non-Head Start kids.

Why don't preschool gains stick? Possibly because the K-12 system is too dysfunctional to maintain them. More likely, because early education in general is not so crucial to the long-term intellectual growth of children. Finland offers strong evidence for this view. Its kids consistently outperform their global peers in reading, math and science on international assessments even though they don't begin formal education until they are 7. Subsidized preschool is available for parents who opt for it, but only when their kids turn 6.

If anything, preschool may do lasting damage to many children. A 2005 analysis by researchers at Stanford University and the University of California, Berkeley, found that kindergartners with 15 or more hours of preschool every week were less motivated and more aggressive in class. Likewise, Canada's C.D. Howe Institute found a higher incidence of anxiety, hyperactivity and poor social skills among kids in Quebec after universal preschool.

The only preschool programs that seem to do more good than harm are very intense interventions targeted toward severely disadvantaged kids. A 1960s program in Ypsilanti, Mich., a 1970s program in Chapel Hill, N.C., and a 1980s program in Chicago, Ill., all report a net positive effect on adult crime, earnings, wealth and welfare dependence for participants. But the kids in the Michigan program had low IQs and all came from very poor families, often with parents who were drug addicts and neglectful.

Even so, the economic gains of these programs are grossly exaggerated. For instance, Prof. Heckman calculated that the Michigan program produced a 16-cent return on every dollar spent -- not even remotely close to the \$10 return that Mr. Obama and his fellow advocates bandy about.

Our understanding of the effects of preschool is still very much in its infancy. But one inescapable conclusion from the existing research is that it is not for everyone. Kids with loving and attentive parents -- the vast majority -- might well be better off spending more time at home than away in their formative years. The last thing that public policy should do is spend vast new sums of taxpayer dollars to incentivize a premature separation between toddlers and parents.

Yet that is precisely what Mr. Obama would do. His "Zero-to-Five" plan would increase federal outlays for early education by \$10 billion -- about 50% of total government spending on preschool -- and hand block grants to states to implement universal preschool. This will make the government the dominant source of funding in the early education marketplace, vastly outpacing private spending.

If Mr. Obama is serious about helping children, he should begin by fixing what is clearly broken: the K-12 system. The best way of doing that is by building on programs with a proven record of success. Many of these involve giving parents control over their own education dollars so that they have options other than dysfunctional public schools. The Obamas send their daughters to a private school whose annual fee in middle school runs around \$20,000. Other parents deserve such choices too -- not promises of subsidized preschool that they may not want and that may be bad for their kids.

Ms. Dalmia is senior analyst and Ms. Snell is director of education policy at the Reason Foundation.